

Reportagem

Parlamento dos Jovens 2025 - Chegar ao coração da democracia

No dia 26 de maio de 2025, quando passei pelos portões da Assembleia da República, percebi que estava prestes a viver algo que ficaria gravado para sempre na minha memória. O Palácio de S. Bento, imponente e carregado de história, parecia quase respirar o peso das decisões que ali se tomam. Mas, por dois dias, quem daria voz aos desafios do país seríamos nós — jovens vindos de todas as regiões, com ideias, energia e a vontade de construir um futuro melhor.



A Sessão Nacional do Parlamento dos Jovens, edição do Ensino Secundário 2025, começou com uma receção calorosa. Após a chegada das delegações, fomos encaminhados para um lanche de acolhimento. Este primeiro momento serviu para quebrar o gelo entre os participantes: bastaram alguns minutos para perceber que, apesar das diferentes origens e sotaques, todos partilhávamos uma ambição comum — a de fazer ouvir a voz da juventude. Logo a seguir, tivemos o briefing para os jornalistas no Jardim Interior do Palácio. Aí, fui confrontado com o verdadeiro desafio de contar a história deste evento de forma clara, justa e inspiradora. Um jornalista não é apenas um

observador — é um mediador entre os acontecimentos e o público. Falou-se do Prémio Reportagem, e ficou claro que cada palavra que escrevemos tem de ter um propósito: *informar, mas também inspirar.*

O trabalho das comissões: o debate começa aqui

Às 16h30, começámos a acompanhar os trabalhos das comissões, espalhados pelas salas do Parlamento. Foi aqui que testemunhei o que considero um dos momentos mais genuínos da democracia: o debate entre jovens. As propostas apresentadas não eram teóricas ou superficiais — eram fruto de reflexão nas escolas, de sonhos e preocupações reais. Vi jovens argumentarem com paixão sobre inteligência artificial, educação digital, igualdade de acesso à tecnologia e o papel da ética na inovação. Vi outros a defenderem a necessidade de programas de formação tecnológica em zonas rurais, de apoio à saúde mental e de iniciativas que aproximem os jovens das empresas tecnológicas. A capacidade de ouvir e respeitar opiniões contrárias foi notável. A democracia, percebi, é construída tanto na defesa de ideias como na capacidade de procurar consensos.



A tarde terminou com um programa cultural na Sala do Senado. Ali, numa sala que já testemunhou tantos momentos históricos, vivemos uma pausa inspiradora, acompanhada por uma reflexão sobre o valor da cultura como pilar da identidade nacional. Ao jantar, que

se seguiu, as conversas prolongaram-se: falámos das nossas escolas, dos desafios de cada região, daquilo que queremos mudar no mundo. É curioso como, em poucas horas, criámos laços que certamente vão durar para lá destes dois dias.

Um dia a viver o plenário

No dia 27 de maio, a agenda prometia emoções fortes. Entrar na Sala das Sessões foi, para mim, um momento quase indescritível. É impossível não sentir a força simbólica daquele lugar, onde deputados e deputadas discutem diariamente o futuro do país. Ali, sentados nos mesmos lugares onde se tomam decisões históricas, estávamos nós, jovens, prontos para dar o nosso contributo.

A Abertura Solene do Plenário contou com a presença de José Pedro Aguiar-Branco, Presidente da Assembleia da República. As suas palavras foram claras: a democracia precisa da energia e das ideias da juventude para se renovar. E, ao ouvir o eco dessas palavras no espaço, percebi que, sim, estávamos ali para mostrar que somos mais do que o “futuro do país” — somos também o presente.

O Período de Perguntas que se seguiu foi um dos momentos mais fascinantes da manhã. Jovens de diferentes delegações levantaram questões sérias, sobre temas como a regulação da tecnologia, a desigualdade de oportunidades e o papel da educação na preparação para os desafios do século XXI. A qualidade das perguntas eo respeito no diálogo mostraram que, quando têm espaço, os jovens sabem fazer política com responsabilidade.



O debate da recomendação final

Após as perguntas, deu-se início ao Debate da Recomendação Final à Assembleia da República. Foi um dos momentos mais emocionantes. As propostas debatidas e votadas eram o resultado de meses de trabalho coletivo, desde a fase escolar até ao momento final. Ouvi discursos que me impressionaram pela maturidade e pela clareza com que abordaram os problemas do país. Ao meio-dia, fizemos a fotografia de grupo. Parece um momento simples, mas foi um marco: ver jovens de norte a sul, ilhas incluídas, juntos, representando escolas, ideias e valores. Naquele clique, cabiam centenas de vozes, todas unidas por uma causa maior — acreditar no poder da participação.



A conferência de imprensa: dar voz aos jovens

À tarde, fiz parte da Conferência de Imprensa com a jornalista Judith Menezes e Sousa, no Salão Nobre. Foi um momento de partilhar e refletir. Tivemos a possibilidade de descrever o que nos levou ali, as nossas preocupações e o que aprendemos. Judith Menezes e Sousa apontou a importância da comunicação como uma ligação entre o cidadão e as instituições, e eu percebi como cada palavra dita por nós poderia ter influência. Logo após, vimos a final votação global da recomendação. Foi o ápice de todo

o trabalho; cada voto carregava a esperança de ver ideias se tornarem soluções reais. A sensação de ver o resultado final ser aprovado é indescritível.

Conclusão com uma forte mensagem

A conclusão da Sessão Nacional foi aberta por Julieta Sampaio, a criadora do programa Parlamento dos Jovens. As suas palavras foram uma chama à ação real: "Vocês são a prova de que a política pode ser feita com paixão, com respeito e com vontade genuína de melhorar a sociedade." Eu senti que cada um de nós saiu dali mais ciente do poder que temos como cidadãos.

O que trouxe comigo

Quando saí do Parlamento, no final do segundo dia, trouxe muito mais do que lembranças. Trouxe a certeza de que cada jovem deve acreditar no seu poder de mudar. Aprendi que a democracia não é apenas votar de quatro em quatro anos — é participar, é questionar, é ter coragem para defender ideias e, sobretudo, ouvir as dos outros. Este programa foi, para mim, uma escola de cidadania. Aprendi a importância do diálogo, da tolerância e da construção conjunta. Mais do que um evento, o Parlamento dos Jovens é um lembrete de que o futuro começa no presente, e que os jovens têm o dever e o direito de moldá-lo.

Concluo dizendo, que foi uma experiência que fica para sempre e o Parlamento dos Jovens não é apenas um concurso ou um evento anual. É um palco onde se aprende a ser cidadão, onde se ganha confiança para falar, onde se descobre que a política pode ser algo vivo, próximo e transformador. Voltei para casa com a convicção de que a minha geração está preparada para enfrentar os desafios do futuro — desde que nos deem espaço e voz.

Se esta reportagem for escolhida como a melhor, que seja não apenas pelo que descreve, mas pelo que inspira, que mais jovens acreditem, participem e façam ouvir a sua voz, porque o país precisa dela.

Externato João Alberto Faria

Diogo Ferreira